

Complexidade enunciativa em *Memórias da Emília*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2206>

Aline Suelen Santos¹

Resumo

No presente trabalho, investigamos com quais papéis enunciativos a relação eu/outro se mostrou representada na complexidade enunciativa de um exemplar de escrita produzida para crianças: *Memórias da Emília* (1939/1969), de Monteiro Lobato. Os resultados mostraram jogos enunciativos organizados por um (L), o narrador, que simula relações dialógicas construídas como enunciadas por interlocutores que desempenham, simultaneamente, múltiplos e entrecruzados papéis nessas relações, a saber: os de falante, de ouvinte, de escrevente e de leitor. Esses entrecruzamentos, ao indiciarem uma não dicotomização dos interlocutores em papéis estanques, acabaram por mostrar uma constituição heterogênea da própria escrita, já que tal multiplicidade de papéis evocou diferentes trânsitos e formas de relação entre o falado e o escrito na própria escrita.

Palavras-chave: heterogeneidade da escrita; complexidade enunciativa; relação fala/escrita.

¹ Universidade Estadual Júlio de Mesquita (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; alinesuelenet@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2621-4256>

Enunciative complexity in *Memórias da Emília*

Abstract

This paper investigates what enunciative roles are used to represent the relation me/other in the enunciative complexity of a piece written for children: *Memórias da Emília* (*Memories of Emília*) (1939/1969), by Monteiro Lobato. The results show some enunciative games organized by a narrator (L), who simulates dialogical relations built as if they were enunciated by interlocutors who perform, simultaneously, multiple and intertwined roles in these relations, namely: those of a speaker, a listener, a writer and a reader. These intertwinements, as they indicate a non-dichotomization of the interlocutors in stagnant roles, ended up showing a heterogeneous constitution of the written work itself, since such multiplicity of roles evokes different transits and forms of relationship between the spoken and the written in the writing process itself.

Keywords: heterogeneous writing; enunciative complexity; relation speech/writing.

Introdução

O interesse pelo modo como o sujeito se mostra na linguagem é ponto de partida de muitos estudos linguísticos, a exemplo daqueles desenvolvidos no campo da enunciação, que redimensionam/deslocam a dicotomia língua e fala para outro plano da linguagem: o do *dizer*. Nessa direção, instigados pela heterogeneidade enunciativa, especificamente pelo *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004), uma questão de investigação direciona a escritura deste trabalho: a de saber com quais papéis enunciativos o locutor se representa e representa o seu interlocutor quando enuncia pela escrita, uma vez que, na sua (ilusão de) reflexão individual, ou seja, na expressão que organiza a atividade mental, subjaz um *auditório social* que orienta o enunciar (BAKHTIN, 1979) e mostra como se representam as relações daquele que enuncia com o mundo e com o já falado (CORRÊA, 2004).

A proposta aqui é identificar com quais papéis enunciativos a relação eu/outro, tal como ela se mostra atravessada pelo trânsito do escrevente por práticas de oralidade e de letramento, é representada num material de escrita ainda não investigado sob essa perspectiva, a saber: *Memórias da Emília* (1939/1969), de Monteiro Lobato.

Partimos da hipótese de que é possível detectar diferentes papéis (como os de falante, ouvinte, escrevente, leitor) pelos quais o sujeito se representa como centro da (sua) enunciação, levando-se em consideração que ele também é parte dessa representação (AUTHIER-REVUZ, 2004). Para fazermos essa reflexão, buscamos, no material elencado, detectar os papéis enunciativos com os quais se mostra representada a relação eu/outro em meio à complexidade enunciativa que constitui esse tipo de material.

Essa proposta parte da “[...] representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado.” (CORRÊA, 2004, p. 232) quando enuncia. Tal visão tem como base estudos da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin e o Círculo) e a perspectiva conhecida como das Heterogeneidades Enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1990) para o diálogo com o já falado/escrito.

Para uma orientação de leitura deste artigo, primeiramente trataremos da balizagem teórica que orienta aqui a questão de investigação. Logo após, esboçaremos o traçado metodológico que norteia o olhar para o *corpus*, seguido de breve discussão desse *corpus*. Por fim, faremos considerações (não finais) sobre a heterogeneidade de papéis com as quais a relação eu/outro se mostra representada e que coloca em evidência a relação sujeito/linguagem a partir da escrita.

Heterogeneidade da escrita: fundamento teórico

(Re)narrar escrita é transitar, historicamente, por volta de 5.000 anos antes de Cristo por um sistema de simbolização colocado a efeito pelo homem. De acordo com Tfouni (2010, p.13), “O processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas, no entanto, foi lento e sujeito, é óbvio, a fatores políticos e econômicos.” Para a autora, assumir um sistema de escrita é, antes, resultado de relações de poder e dominação existentes em qualquer sociedade.

A associação da escrita – não qualquer sistema de código escrito, mas o fonográfico – à propriedade de abstração da linguagem, de organização do pensamento, de difusão de ideias, como se costuma pensar numa visão de escrita absolutamente autônoma em relação às práticas orais/faladas (OLSON, 1977; ONG, 1998), lega, ainda para essa visão, um desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos quando se apropriam desse sistema, bem como resguarda uma supremacia sobre as mais diversas formas de registro.

Interpretando Corrêa (2004), a natureza concreta do material escrito, que possibilita um registro espacial, a suposta invariância de sentido e a crença de que não há variação sociolinguística são algumas das razões que sustentam a hegemonia da escrita alfabética, o que, para o autor, resulta numa série de equívocos sobre a suposta homogeneidade que a circunscreve. Na direção contrária de argumentos que acentuam a dicotomia fala e escrita e resguarda para essa última um caráter inteiramente autônomo, o autor ainda expõe:

De minha parte, embora considerando a argumentação desses autores, preocupo-me em flagrar a falta de autonomia da escrita em relação à fala no próprio processo de escrita: da mesma forma que, nesse processo, o aspecto visual da escrita é mobilizado, a

característica da íntima relação escrita/fala, presente em sua gênese, vem frequentemente à tona, fazendo intervir, além disso, outras vinculações entre diferentes práticas orais e letradas. (CORRÊA, 2010, p. 628).

É em oposição às perspectivas que reconhecem polos opostos para o falado e o escrito, que pensam a fala presente na escrita como interferência e, ainda, uma interferência indesejável, que não prevê a heterogeneidade como propriedade constitutiva – ou seja, o que Corrêa (2013) chama de sentido fraco de alteridade –, que o olhar para a escrita neste trabalho marca.

Assume-se, pois, aqui (re)pensar a escrita na relação com a fala que lhe é constitutiva – o que supõe pensar uma heterogeneidade constitutiva DA escrita e não uma heterogeneidade que seria externa e que se mostraria NA escrita. É apoiada na heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 1997, 2004) e no modo como aquele que a enuncia circula pelo espaço simbólico que a traveste e intervém mediante a “[...] imagem que ele próprio faz (aspecto do ineditismo da escrita) da língua escrita (aspecto do que já está institucionalizado para a escrita, [...]).” (CORRÊA, 2004, p. XIV), que tomaremos dessa heterogeneidade o princípio dialógico, constitutivo da linguagem, que desloca a escrita de uma visão somente textualista para colocar em cena o sujeito e sua relação/circulação com/pela linguagem.

Assim, é ao encontro de uma noção de alteridade que se distancie de um suposto lugar homogêneo para a escrita, de uma alteridade em seu sentido forte, ou seja, “[...] que se distancie do estabelecimento de diferenças a partir de uma identidade que se autodefina isoladamente.” (CORRÊA, 2013, p. 504), que a escrita se (re)faz enquanto representações de trajetos da circulação daquele que, por meio dela, enuncia. Nessa visão, a escrita representaria, pois, experiências sociais do sujeito, o que a coloca num terreno fecundo para áreas científicas que considerem relevante explorar a relação do sujeito com a linguagem a partir desse modo de enunciar (ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON, 1995; CORRÊA, 2004; CHACON, 1998).

É na propriedade dialógica da linguagem, propriedade que altera o “estável” do gênero, em razão do trânsito do escrevente pelas mais diversas práticas de linguagens, que tomaremos o diálogo como alicerce que sustenta a identificação dos papéis heterogêneos.

O diálogo, como princípio dialógico e norteador da interlocução, instaura, por meio daquele que enuncia, uma representação do dizer que se dá por escolhas e por exclusões. Quem fala/escreve, mediante o trânsito entre práticas de oralidade e de letramento, acaba por se representar como sujeito na enunciação segundo dois modos: ora assumindo a posição de centro do dizer, ora assumindo um centro ilusório do dizer, possivelmente recuperados

nas pistas deixadas dessa representação no fio do discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004; CORRÊA, 2013).

De algum modo, a tentativa daquele que enuncia em alçar uma centralidade do dizer já indica que “[...] o processo de produção de sentido por meio da escrita não é transparente.” (CORRÊA, 2013, p. 488), o que implica não haver, “[...] em primeiro lugar, um diálogo com papéis inteiramente previstos para os interlocutores de um dado gênero.” (CORRÊA, 2013, p. 488). Trata-se, antes, ainda na explicação do autor, de tipos mais ou menos previstos de relação entre os participantes, na maioria das vezes. Mesmo porque, da leitura que o autor faz de Bakhtin (1992), o sentido de um enunciado, falado ou escrito, “[...] só ganha acabamento na réplica que o provoca.” (CORRÊA, 2013, p. 488).

Para a descrição dos papéis, seguiremos o esquema enunciativo² proposto por Authier-Revuz (1998), segundo o qual um ato de enunciação (E) é definido por um par de interlocutores (L e R), uma situação (SIT) com seu tempo, seu lugar e, entre a infinidade de dados referenciais, um acontecimento particular que é o ato de enunciação (e), sendo esse ato – definido ele mesmo por l, r, sit. (lugar, tempo e uma infinidade de dados referenciais) e (m) –, objeto da mensagem M de (E).

Conforme antecipamos, ao abordarmos a relação sujeito/linguagem a partir de uma visão heterogênea da escrita (CORRÊA, 2004), é que a proposta deste artigo se firma. Relembrando-a: identificar com quais papéis enunciativos a relação eu/outro, tal como ela se mostra atravessada pelo trânsito do escrevente por práticas de oralidade e de letramento, é representada num dado de escrita. Essa proposta faz parte de/se une aos estudos de letramento que tomaram a escrita alfabética – entendendo a natureza que a constitui, mas não sob a ótica imperiosa que a circunscreve – como ponto de partida para reflexões sobre diversos fatos da linguagem. Principalmente aqueles estudos de letramento que partiram de uma concepção de escrita enquanto modo de enunciação.

Na trilha de estudos de letramento que partiram dessa concepção, e ilustrando-os, temos: uma primeira vertente, que tomou a “Escrita alfabética como manifestação de saberes sobre a língua, considerados todos os tipos de efetiva produção escrita.” (CORRÊA, 2015, p. 135); uma segunda vertente, caracterizada como letramento no sentido estrito, que compreenderia a “Escrita alfabética como manifestação de práticas sociais letradas e de saberes sobre a dimensão discursiva da escrita nos textos, nos gêneros discursivos escritos, considerada a questão do sentido.” (CORRÊA, 2015, p. 135); e uma terceira

2 Neste trabalho, sempre que nos referirmos a um ato de enunciação E/e, tomaremos a notação (*abreviatura*) correspondente ao funcionamento da enunciação descrito por Authier-Revuz (1998). Por exemplo: (E), (L), (R), (SIT), (M) / (e), (l), (r), (sit), (m). Quando mencionados, serão utilizados entre parênteses. Acreditamos, assim, evitar equívocos de leitura com essas abreviaturas. Ressalte-se que, em citação direta, manteremos a marcação da autora.

vertente, que corresponderia à do “[...] letramento em sentido amplo, ligado ao aspecto da permanência do caráter escritural da oralidade (e da literatura oral) que permite, a seu modo, preservar a memória cultural de um povo.” (CORRÊA, 2015, p. 135).

Essas vertentes ilustram formas diversas de trabalho com a escrita. Alguns se voltam para a relação dialógica entre o já falado/escrito em contexto de educação infantil e de ensino fundamental com o olhar para a ortografia, para a segmentação de palavras e para a pontuação. Outros exploram essa relação dialógica em enunciados produzidos em plataformas digitais. Outros, ainda, em textos de vestibulandos e de universitários. Diferentemente desses, no entanto, a relevância de nosso trabalho é explorar essa relação em objeto, dados e material de escrita até então não discutidos ou mesmo identificados nas pesquisas até o momento, o que vem a contribuir para discussão do conceito de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004) em outro tipo de material – retomando-o: o romance *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato –, e suscitar uma reflexão sobre a construção de si na relação sujeito/linguagem na enunciação escrita.

Traçando percurso: um caminho metodológico

Para escolha dos dados, foi selecionado um conjunto de enunciados do romance *Memórias da Emília* que fizesse remissão à escrita de memórias. Frisamos que o próprio romance é compreendido aqui como representação do *acabamento absoluto do enunciado concreto*³, ou seja, ele mesmo se constitui de inúmeros enunciados concretos que colocam em circulação papéis enunciativos os quais, na organização do dizer, recuperam outros discursos.

Em seguida, nas pistas materializadas no fio do discurso, recorreremos às marcas linguísticas que indiciassem papéis (seja de falante, ouvinte, escrevente, leitor) com os quais os interlocutores se representam ou são representados na narrativa.

Partimos de um critério de organização geral – indiciado pela própria estrutura da escrita da narrativa – para a identificação dos papéis heterogêneos, a saber: a de um locutor (narrador) que organiza o jogo de enunciação em três tipos de jogos:

- i. o do narrador sendo ele locutor (L);
- ii. o do narrador projetando um outro (Visconde) como locutor (l);
- iii. o do narrador projetando um outro (Emília), que ora dita ora escreve, como locutor (l).

3 Categoria para seleção dos dados, o acabamento absoluto do enunciado concreto é compreendido como um enunciado concreto, este constituído de parte verbal e de uma parte extraverbal, que se caracteriza por um caráter de réplica (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1976; CORRÊA, 2013).

Com base nesses critérios, obtivemos um total de 132 enunciados. Neste artigo, para fim de análise, retiramos de cada jogo enunciativo um exemplo ilustrativo, de modo a identificar os papéis com os quais os locutores se mostram representados.

Identificando os papéis em três jogos enunciativos: a relação eu/outro

É numa remissão sobre escrita, explicitamente marcada na proposta de Emília, personagem principal da trama *Memórias da Emília*, de escrever suas memórias, mas com ajuda de outras mãos, que o enredo da narrativa mencionada ganha forma. Nessa proposta, um outro já é instaurado no fio do discurso: a remissão ao próprio romance.

Escrito por Monteiro Lobato, o romance elencado, publicado em 1939, compõe o acervo da literatura infantil desse autor. A própria configuração de um acervo já marca um lugar escritural para a produção, delinea um estilo para a escrita. Composição, tematização, estilo e, por dizer, circulação são características da escrita movente, colocadas a efeito por aquele que enuncia na elaboração de um gênero do discurso.

Gênero do discurso porque, aproximando-nos de ideias de Corrêa (2013), que assume o pensamento bakhtiniano (1992) no que diz respeito ao gênero como esfera de atividade humana, como realidade de língua em discurso, não só a construção composicional e o aspecto organizacional estão na base de constituição de um gênero; ainda o caráter processual, histórico – que “[...] permite pensar a íntima relação entre sociedade, história e língua/linguagem.” (CORRÊA, 2013, p.485). –, compõe essa constituição. Constituição dialógica, intergenérica, que tem no diálogo – no par dialógico eu-tu – o alicerce, em caráter de réplica, do gênero do discurso (BAKHTIN, 1992; CORRÊA, 2013).

Nesse sentido, a escritura de memórias, evento ficcional simulado na estrutura interna de outro gênero discursivo – a escrita do romance *Memórias da Emília* –, já enuncia uma relação dialógica específica, o que confirma o fato de que “[...] qualquer caracterização/classificação de um gênero deve passar pelo diálogo que, nele, se reinveste.” (CORRÊA, 2013, p. 486).

Assim, enquanto espaço dialógico de atividades empreitadas por aquele que escreve e nas quais está particularmente imerso, a escrita se constitui a partir de um lugar de muitas representações da circulação desse escrevente por um dizer.

Com o olhar para o par dialógico é que tomamos, do primeiro jogo enunciativo – o narrador sendo ele mesmo o locutor (L) do ato de enunciação (E) –, os enunciados concretos (M/m) abaixo:

(01) De tanto Emília falar em “Minhas Memórias” que uma vez Dona Benta perguntou:

(02) – Mas, afinal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?

(03) – Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte. (LOBATO, 1969, p. 1).

Esses enunciados, que se constituem como parte dos enunciados do acabamento absoluto do enunciado concreto *Memórias da Emília*, simulam um jogo enunciativo no qual o locutor (L) – o narrador –, ao se colocar como tradutor de situações (sit) das quais participou como observador, bem como de mensagens (m) em uma delas produzidas, construídas como os enunciados (m) (02) e (03), os reformula e organiza como se, na mensagem (M) por meio da qual enuncia, houvesse uma tradução do que é observado nessas situações e “falado” em (m), ou seja, no diálogo simulado na interlocução entre (l) e (r) – Dona Benta e Emília, em papéis reversíveis.

Pensando na dialogia instaurada pelo enunciado (01), (L) – ao se colocar como narrador de atos outros de enunciação (e) –, se projeta de modo implícito como um ouvinte/ escrevente desses atos. Com efeito, o quantificador de intensidade – *De tanto* – sugere um (L) que *ouviu* inúmeras vezes, supostamente em inúmeros (e), a *fala* de Emília sobre suas memórias e que, pela *escrita* conta esse fato, simulando, nessa escrita, um par dialógico locutor (l) / interlocutor (r) em que atribui tanto a (l) quanto a (r) a reversibilidade de papéis de falante e de ouvinte. Os itens lexicais *falar* (atribuído a Emília) e *perguntou* (atribuído a Dona Benta) indiciam essa reversibilidade de papéis.

Ainda no enunciado (01), observa-se uma modalização autonímica, mostrada em (M) por (L) e marcada pelo sintagma nominal aspeado “*Minhas Memórias*”. Essa forma de modalização inscreve em (M) um (e) cujo funcionamento se mostra como se (L) reproduzisse igualmente a (m) de (l). Assim, esse sintagma funciona como signo autônomo, na medida em que (L) – o narrador – menciona palavras atribuídas a outro (l) – Emília. Nessa menção, parece ocorrer também uma ênfase à repetição do dizer atribuída por (L) a (l), uma certa forma de avaliar o dizer (como insistente) de (l). Essa construção de enunciação parece indicar um (L) que projeta na autonímia uma representação de papéis na qual se mostra um (l) como falante / leitor / escrevente em projeção de um (r) ouvinte, na medida que o sintagma nominal aspeado, além de relacionado a *falar*, alude a um contato de (l) com o gênero tipicamente escrito em questão (as memórias).

No que se refere ao par dialógico descrito nos enunciados (02) e (03), este é organizado por uma voz enunciativa que, como já antecipamos, se mostra como a voz de um (L) na função de narrador de um (e). Esse par que, construído como externo a (E), assume a configuração de pergunta, em (02), e de resposta, em (03) – é dialógico também

no sentido de que simula uma conversa (as marcas de travessão exemplificam essa simulação) entre interlocutores. Nessa simulação, no enunciado (02), o (l) – Dona Benta – é representado como um falante, papel indiciado, por exemplo, por meio das marcas de pontuação *travessão* e *interrogação*, e também como ouvinte, já que o sinal de interrogação, além de situá-lo como falante, cria a expectativa de (l) ser colocado / se colocar como (r) do segundo elemento do par dialógico. No mesmo (e), (l) é representado também como leitor, papel sinalizado pela própria entoação de dúvida lançada por (l) ao direcionar uma pergunta a (r) – Emília –, sobre um gênero discursivo tipicamente escrito (as memórias). Reforçam a construção de (l) no papel de leitor também a conjunção adversativa *Mas*, o aposto, caracterizado por um chamamento no diminutivo, *bobinha*, e a remissão ao gênero *memórias* a partir de uma indagação: *que é que você entende por memórias?*. Destaque-se, por fim, que essas mesmas pistas linguísticas projetam (r) – Emília – como ouvinte, falante e leitor.

Já no enunciado (03), a definição construída como produzida por (l) – Emília – indicia um (l) sendo representado nessa dialogia nos papéis de ouvinte / falante / leitor. Ouvinte, porque, na simulação do diálogo, responde ao que foi indagado. Falante, porque indiciado pela marca gráfica de travessão. Leitor, porque, no ato de resposta, enuncia uma (sua) definição sobre a configuração de um gênero tipicamente escrito. O item lexical *são* encerra uma assertiva sobre o conceito de memórias para o (l), além de projetar em (r) o papel de ouvinte.

Passemos ao segundo jogo enunciativo: o narrador projetando Visconde como locutor. Para ilustrá-lo, basear-nos-emos nos seguintes enunciados:

(04) – “Árvore, sabe o que é?” – perguntava ela. (LOBATO, 1969, p. 16).

(05) E como o anjinho arregalasse os olhos azuis esperando a explicação, Emília vinha logo com uma das suas. (LOBATO, 1969, p. 16).

Como veremos a seguir, os enunciados (04) e (05) correspondem, respectivamente, a um ato de enunciação (e) e a um enunciado (m) recontados por um (l) que, na posição de narrador (Visconde, no caso em questão), assume o papel de escrevente da situação enunciativa evocada acima: a simulação de uma conversa sobre as coisas da Terra entre Emília e o anjinho que ela trouxera de uma viagem ao céu. Trata-se, portanto, de uma escrita na escrita, o que permite várias interpretações sobre os papéis ocupados pelos interlocutores. Vamos a elas.

Observa-se, inicialmente que (L) – o narrador –, ao projetar (l) – o personagem Visconde –, como narrador das memórias, o inscreve no papel de escrevente. O aspeamento é um importante indício dessa projeção. Com efeito, quando (L) se mostra como narrador

e tradutor do discurso direto, este não é aspeado, como se observa nos seguintes enunciados:

(06) O Visconde começou a assoprar e a abanar-se. Por fim disse:

(07) – Sabe que mais, Emília? O melhor é você ficar sozinha aqui até resolver definitivamente o que quer que eu escreva. Quando tiver assentado, então me chame. Do contrário a coisa não vai. (LOBATO, 1969, p. 8).

Diferentemente, porém, ao projetar o personagem Visconde como narrador, ou seja, como (l), (L) inscreve sua distância em relação a (l) pelo aspeamento no fio do discurso, como se verifica no enunciado (04) acima. Em outras palavras, ao se colocar como tradutor de um discurso direto, (L) não marca a (sua) posição de escrevente; antes, atribui-a a (l), como se essa marca – o aspeamento – funcionasse como modo de mostrar a (r), numa projeção que o coloca no papel de leitor, a simulação de uma escrita na escrita. Além dessa marca, a simulação de um par dialógico externo, inscrito por uma indagação, e a marcação lexical de tempo e de pessoa, *perguntava*, projetam para esse (l) outro papel: o de ser ouvinte do (e) que traduz.

O aspeamento também pode ser interpretado como uma tentativa de (l), narrador-escrevente, simular um outro (l*) – Emília – nos papéis de falante, de ouvinte e de escrevente, já que é esse (l*) – em outro momento da narrativa – quem designa (l), Visconde, a assumir o papel de escrevente como se ele mesmo, (l*), ou seja, Emília, estivesse a escrever suas memórias. Assim, teríamos um (l), Visconde, tentando simular um lugar de escrita previsto por outro (l*), Emília, que, nessa projeção, assume os papéis de falante – a própria marca de travessão indicia esse papel –, de ouvinte – o sinal de pontuação de interrogação indicia essa condição – e de escrevente –, já que as aspas também podem indiciar essa tentativa de (l*), Emília, de se marcar como narrador de suas memórias.

Outra possibilidade ainda se mostra nesse enunciado (04): (l), narrador (o Visconde), ao se projetar no papel de escrevente, reduplica com sinal de travessão e com aspas o que seria a “fala” de outro (l*), Emília, seguida da narração em terceira pessoa – *perguntava ela* –, que parece marcar esse papel de escrevente, mas também de ouvinte, que “conta” algo observado. Esses papéis parecem ser reforçados no enunciado (05), em que (l) continua a traduzir a (e) que observa.

De modo geral, o que se observa nesses dois enunciados, (04) e (05), é que (l), o Visconde, ao simular a escrita de memórias de outro (l*), Emília, se projeta como escrevente/ouvinte dos (e) que narra. O conjunto de marcas que destacamos inscreve esses papéis, na medida que enfatiza, na narração de (l), a presença de um par dialógico simulado

como externo, nos papéis de falante para (l*) – *perguntava ela* –, e de ouvinte para (r) – *esperando a explicação* –, o que parece colocar esse locutor, narrador, na posição de um observador ouvinte dos (e) que reconta. O fato de esses dois enunciados comporem uma escrita na escrita, uma vez que se trata da simulação da escrita de (l*), acaba por projetar nesses enunciados um (r) no papel de leitor.

Passemos, por fim, ao terceiro jogo enunciativo, no qual o narrador projeta Emília como locutora, ora ditando ora escrevendo suas memórias. Para tanto, vejamos os seguintes enunciados:

(08) – Vamos! – disse ela depois de ver tudo pronto. – Escreva bem no alto do papel: “Memórias da Marquesa de Rabicó”. Em letras bem graúdas. (LOBATO, 1969, p. 7).

(09) Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas, muito bem. Se não gostaram, pílulas! Tenho dito. (LOBATO, 1969, p. 146).

O enunciado (08) se caracteriza por uma simulação de diálogo construída por (L), em que aquele que enuncia no (e) – Emília – se mostra representado nos papéis de falante, de escrevente e de leitor. A conexão entre duas marcas de pontuação (o travessão e o ponto de exclamação) e o verbo *Vamos*, como chamamento para o interlocutor, indiciam o papel de falante atribuído a (l), Emília. Já o conjunto de marcas *Escreva*, indicando um comando, seguido da orientação de uma certa forma de distribuir graficamente a escrita, representada pelo adjunto adverbial de lugar e pelo objeto direto – *bem no alto do papel: “Memórias da Marquesa de Rabicó”* –, indicia um registro espacial organizado por um padrão escritural, modelar, de como iniciar um texto, fato que evoca a circulação do (l) por práticas de escrita e de leitura institucionalizadas, em que o objeto do que é para ser escrito, aqui sugerido pelo título, fique em destaque, ou seja, *Em letras bem graúdas*, conforme afirma o (l) desse dizer. Essa fala projeta, ainda, um (r), Visconde, no papel de ouvinte (na medida em que “escuta” o enunciado) e de escrevente (na medida em que recebe instruções de como escrever). Assim, em síntese, (l), Emília, se mostra representado como falante, como escrevente e como leitor, projetando um (r), Visconde, como ouvinte e como escrevente.

No que diz respeito ao enunciado (09), este, embora não apresente nenhuma marca de pontuação que indique um falante, de alguma maneira indicia esse papel, dada a não autonomia da escrita em relação à fala no próprio processo de escrita, como explicita Corrêa (2004). Com efeito, indício desse papel se detecta pelo fato de (L), o narrador, representar (l), Emília, como falante, por um modo de narrar característico de apresentações orais – *Respeitável público, até logo*. Essas mesmas marcas linguísticas acabam, também, por projetar um (r) nos papéis de ouvinte (pela “escuta” do enunciado), de leitor (já que se trata da simulação de uma possível leitura de memórias escritas) e, mesmo, de falante, quando se simula a atribuição a esse (r) da escolha por gostar ou

não do que foi dito/lido nas memórias – *Se gostaram delas, muito bem. Se não gostaram, pílulas! (...)*.

Mas (l), Emília, é também projetado como escrevente, na medida em que todo o enunciado em questão é simulado como a finalização da escrita de memórias desse (l). Essa projeção faz de (r) também um leitor, que, ao poder validar de algum modo o que leu, mostra sua circulação pelo universo da escrita.

Considerações (não-finais) sobre o olhar para a amostra

Nas três situações analisadas, os jogos enunciativos se mostram como organizados por um (L), o narrador, que simula relações dialógicas construídas como enunciadas por interlocutores que desempenham, simultaneamente, múltiplos papéis nessas relações. Essa multiplicidade, ao indiciar uma não dicotomização dos interlocutores em papéis estanques para (l) e para (r), acaba por mostrar uma constituição heterogênea da própria escrita, no sentido de que a multiplicidade de papéis evocaria diferentes trânsitos e formas de relação entre o falado e o escrito na própria escrita.

Desse modo, essas representações indiciam uma relação eu/outro não dicotômica, não homogênea, em que encerre no par dialógico eu/tu a previsibilidade, a transparência da enunciação. Assim o fazendo, evocam “[...] a construção da interlocução imaginada na escrita [...] e, uma vez recriados os papéis [nela] apenas indicados, abrem-se as comportas de sentido de regiões específicas do já-dito” (CORRÊA, 2013, p. 486-487), ou seja, do já falado/ouvido/escrito/lido.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L.; GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v. 25, p. 5-23, jan./jun. 1995.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Tradução Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitex, 1979.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. p. 87-98.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHACON, L. Oralidade e letramento na construção da pontuação. *Revista Letras* (Curitiba), Curitiba, v. 61, n. esp., p. 97-122, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Encontros entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 625-648, jul./dez. 2010.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, v. eletrônico, n. especial, 2. parte, p. 333-356, 2011.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

CORRÊA, M. L. G. Epistemologias na introdução e no desenvolvimento de práticas escritas: identidades em jogo. *D.E.L.T.A*, v. 31, n. esp., p. 127-167, 2015.

LOBATO, M. *Memórias da Emília*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

OLSON, D. R. From Utterance to Text: the Bias of Language in Speech and Writing. *Harvard Educational Review*, v. 47, n. 3, p. 257-281, ago./1977.

ONG, W. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2010.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. *In: VOLOSHINOV, V. N. Freudism*. New York: Academic Press, 1976. p. 1-18.